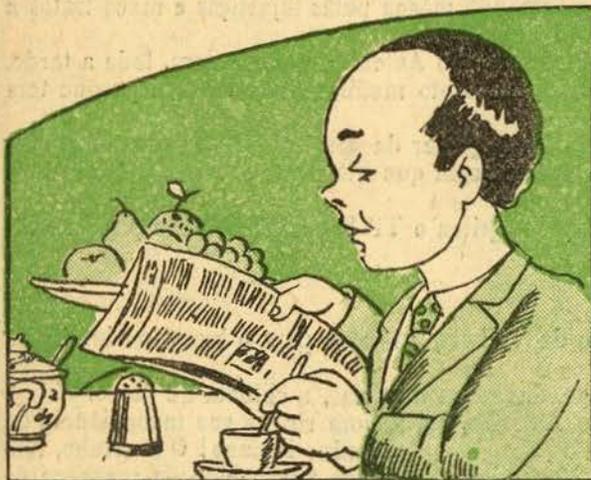




SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**ZÉ DISTRAÍDO** à mesa

I — «Zé Distráido» tem o hábito feio de ler às refeições. Um certo dia quando, depois da sobremesa, veio o seu café, que tanto ele aprecia,



II — sem desviar a vista da leitura, maquinalmente puxa o pimenteiro e o conteúdo no café mistura, supondo-o ser, é claro, o açucareiro.



III — Grande porção na chavena depòs — (pois é guloso como pouca gente) — Mexe, remexe, sempre a ler, e após leva-o à bôca e bebe avidamente.



IV — Então, sentindo a bôca tôda em brasa, dá tal pulo, que a ponta da toalha, improvisada em guardanapo, espalha a loiça tôda em cacos pela casa.

O MENINO MAU E O BURRINHO BOM

Por GRACIETTE BRANCO



O tio Francisco da Horta era um honesto e laborioso lavrador, proprietário dumas pequenas leiras de terra, que eram toda a sua fortuna.

Ora tinha este bom homem, um filho pequeno de seis anos, endiabrado e rabino, como quasi todos vocês, seus pequerruchos que me lêem.

O pequeno Antonito levava todo o santo dia entretido nas terras, a brincar com o velho burro que, há muitos anos, era propriedade de seu Pai e o paciente sofredor de todas as tropelias e rabinices que lhe vinham à imaginação.

Empurrões, chicotadas, correrias ao longo da estrada, tudo o pobre burro, já tão velho e doente suportava com resignação e paciência!

Apenas nos seus enormes olhos, transparecia uma profunda mágoa pelas injustiças e maus tratos a que o seu pequeno dono, tão levemente, o sujeitava.

Ora, um certo dia, o Pai, para o afastar da crueldade do feio Antonito, pô-lo à nora, toda a tarde, ficando o burrinho, pachorrontamente, andando à roda, enquanto meditava nas torturas porque tem que passar um pobre burro indefeso.

A distância, o velho Ti' Francisco, embalado pelo lento gemer da nora, observava o candenciado rodar dos alcatruzes, escorrendo a água límpida e fresquinha com que iria regar o verdejante canteiro das alfaces.

Mas o burro, subitamente, estacou! — «Eh, madraço! — gritou o Ti' Francisco. Vamos prá frente!» Mas nada. O burro não se mexia!

— «Prá frente. Sorna! Eh! Prá frente!»

Mas o burro continuava parado!

Já enraivecido e raivoso, o Ti' Francisco, puxando da chibata, avançou para o burro, no intuito de o fazer andar, à força de pancadas!

Ao chegar, porém, junto à nora, estacou, caindo-lhe, das mãos trémulas, a chibata de junco.

Encarrapitado num dos alcatruzes, o endiabrado Antonito, ria a bom rir, na sua inconsciência de

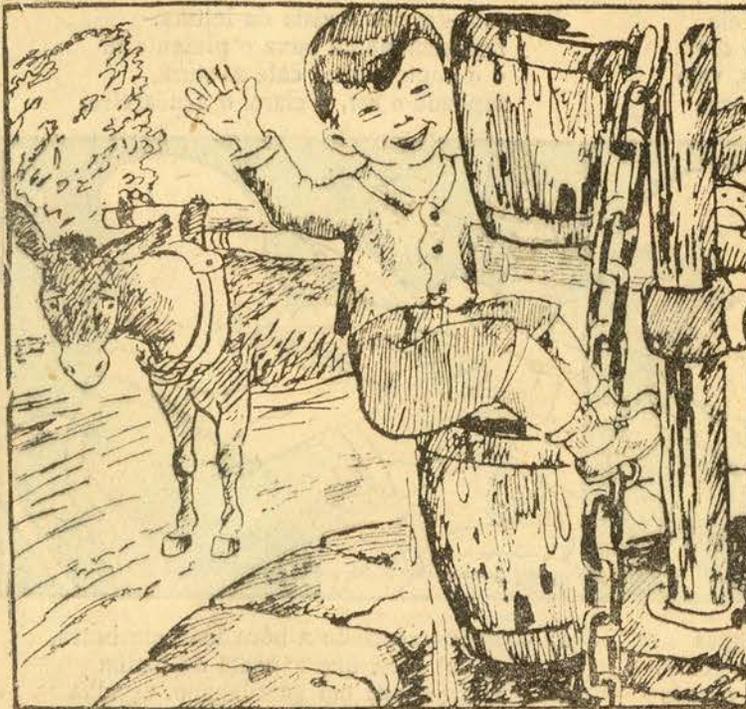
menino leviano! O burrinho, tendo-se apercebido da presença do seu pequeno dono, dentro dos alcatruzes, parou, salvando-o assim duma morte certa e horrível.

O Ti' Francisco nem acreditava no que via!

— «Eh, Antonito! Salta já daí, meu patife, e vem agradecer ao nosso bom burrinho, que te salvou a vida, a ti, que tão mau tens sido para éle!»

Reconhecendo a verdade da sua situação, o pequeno, já com uma lágrima no canto do olho, que significava o remorso a nascer no coração, correu para o burro e deu-lhe um repenicado beijo no focinho.

Foi-lhe melhorada a ração, a cama feita com palha nova e desde esse dia acabaram os maus tratos para o simpático burrinho, porque nasceram, finalmente, a razão e a justiça no espírito do pequeno Antonito.



■ ■ F I M ■ ■

CARLITOS e a LARANJA

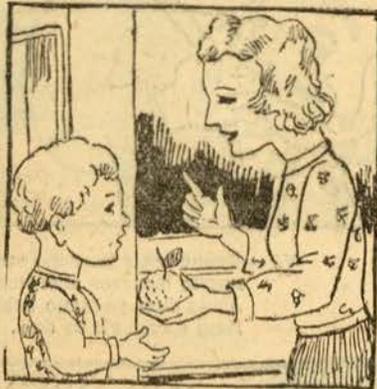
Por ANIBAL NAZARÉ

Carlitos chegou da escola e logo foi, com afã, depois de pôr a sacola para o lado, dar à mamã um grande «chi» apertado!

— «Então, meu filho? Que tal deste tu hoje as lições?»

— «Foi colossal! Como me sinto feliz!... Entre tantos sabichões, que chamaram à lição, só eu fiz um figurão!»

— «Muito bem! — A mamã diz, Pois, então, vou dar-te a recompensa... Uma rica laranja, que é só neste momento, o que se arranja!»



E sem detença, cheio de contentamento, Carlitos estende a mão, com prontidão!

— «Espera! disse a mãezinha. Vou já dar-te a laranjinha, que é bem linda, como vês! Mas primeiro, Vais-me dizer, — (e vais ser verdadeiro) — do que gostas tu mais: Da laranja, ou da Mãe?»

— Pensa bem! Estás cheio de ambição, estendendo a mão, mas eu quero a verdade!



(e nem por nos convir nós devemos mentir aos nossos pais!)
— De que gosta tu mais?»

ANEDOTA

José da Costa Franco, pai do Zecas, que é um menino pouco esperto, perguntou-lhe um dia:

— «Ó Zequinhas, como se chamava o pai dos filhos de Zebedeu?»

Como o Zecas não soubesse responder, o pai logo explicou, exemplificando:

— «Tu sabes, pensa bem! Ora vamos a ver... Quem é o pai do filho de José da Costa Franco?»

— «É o paizinho.» — respondeu o Zecas, prontamente.

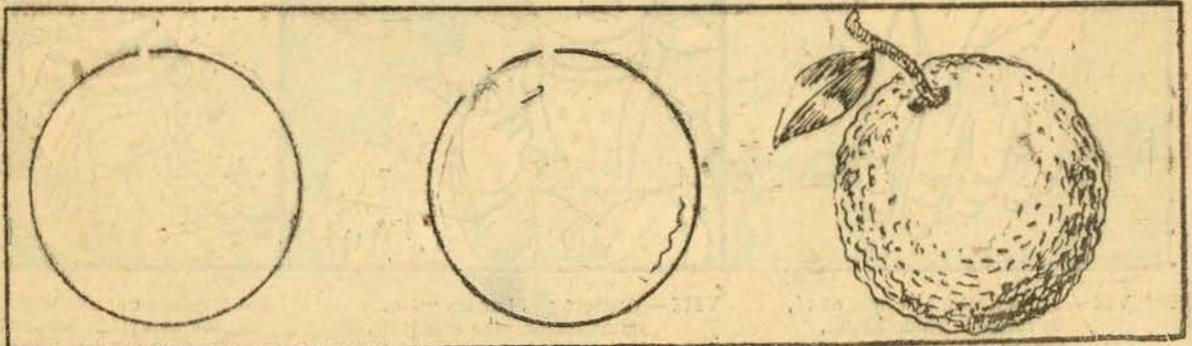
— «Muito bem. Então, como se chamava o pai dos filhos de Zebedeu?»

— «José da Costa Franco!» — responde o Zecas, com um ar triunfante.

Carlitos sorri, contente, de vêr que a resposta vã, tão facilmente se arranja... E respondeu, prontamente:

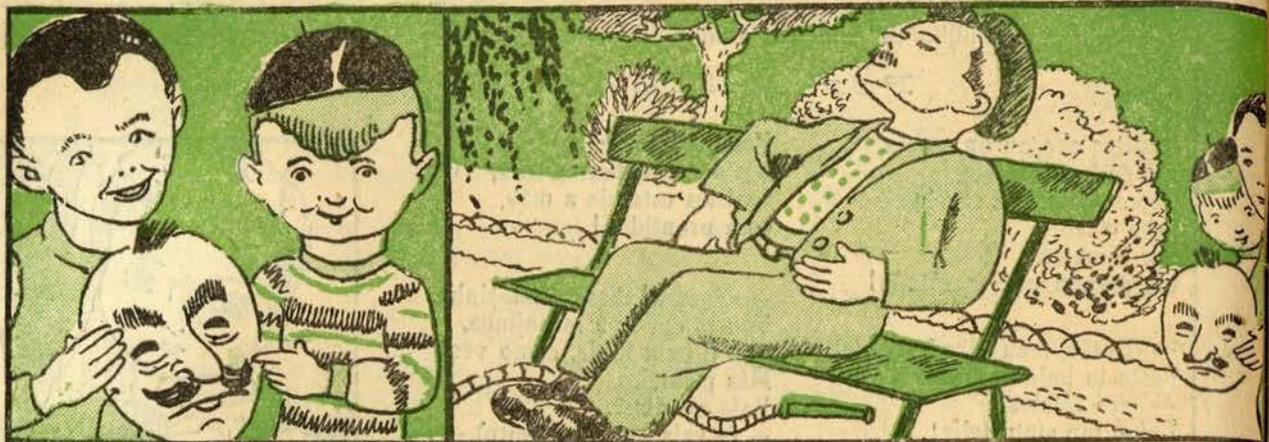
— Eu gosto mais da mamã... que me vai dar a laranja!...

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha uma laranja

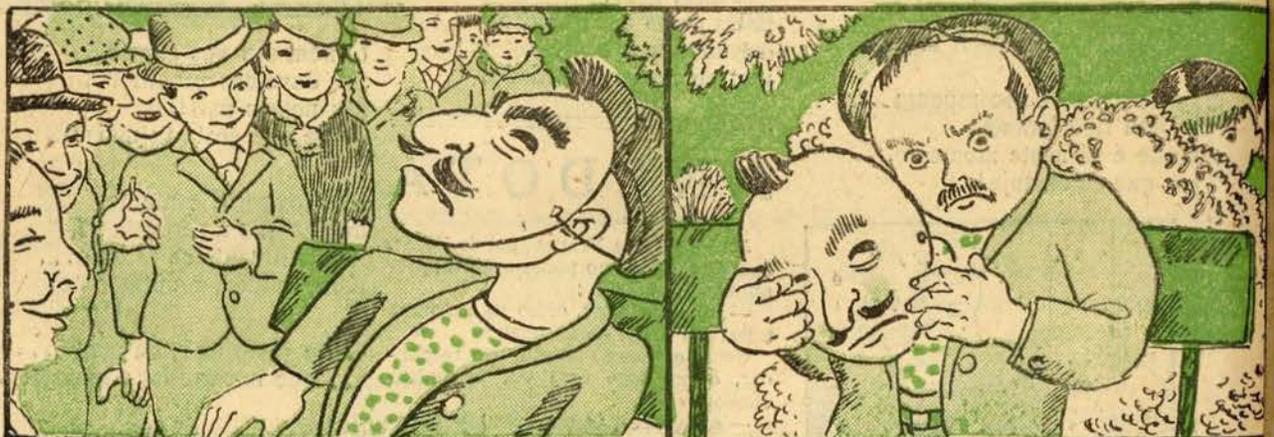
UMA NOVA PARTIDA DE CHICO E TONECA



I — O Chico, o grande traquina, e Toneca, de má raça, na capelista da esquina compraram uma caraça.

II — Pensando qual a partida que hão-de preparar com ela, pois assim passam a vida, entram no Jardim da Estrêla.

III — Parando subitamente, dão com o guarda «Jóquim» a dormir profundamente sobre um banco do jardim.



IV — Pondo-lhe, com mil cautelas, a máscara sobre o rosto, e dando logo às canelas, ocultos, riem com gosto.

V — Ao riso da população que se junta à sua volta, o guarda tira a caraça e, furo, mil pragas solta.

VI — Sem o mais pequeno susto nossos bizarros «heróis», atrás dum pequeno arbusto, riem a bom rir os dois.



VII — Entretanto, este que os vê, de relance, rindo assim, repara que tem ao pé a mangueira do jardim.

VIII — Ansioso por dar na méta, dum forma algo manhosa, deitou a mão à agulheta como quem não quere a cousa.

IX — E prega um duche de arromba nos atrevidos que, então, chegaram à conclusão que Deus castiga quem zomba.

Castigo merecido

POR
FELIZ VENTURA

A ratinha
Pequenina
Estava muito assustada;
Pois a filha mais velhinha
Andava sempre entretida
Com a filha da vizinha.

É que essa rata não tinha
Qualidades de invejar,
Pois não era obediente
E ria da mãe ralhar,



Andando pela cozinha
Sem ter medo do Maltez,
—Um gatarrão que uma vez
Quási que a ia agarrando.

Se não fôsse a sua tia
Tê-la puxado com tempo,
Com certeza que seria
Papadinha num momento.

E por isso a rata mãe
Sentia-se estremecer



Pois temia acontecer
A filha o mesmo também.

Mas a rata bonitinha,
Ria, ria, qual doidinha,
Dizendo com bom humor:
«Ora, a mãe inda não viu
Que eu lhe sou superior?»

E prosseguia fazendo
Loucuras até mais não,
A passar e repassar
Pela frente do Maltez
Que esperava a ocasião
De se poder desforrar
Dessa maldita ratinha
Que o andava a provocar.

Ora, certa manhazinha
Foi para a rua a ratinha
Tôda fresca e divertida,
Pensando em grossa partida
Que ao gato iria pregar.

Mas o manhoso do gato,
Sem fazer espalhafato,
Ao vê-la, nessa manhã,
De maneira tão azada,
Dá um pulo e, de repente,
Cai em cima da ratinha
Que, sem um ai — coitadinha! —
Morre imediatamente.

Eis meninos
Pequeninos,



O castigo de quem ri
Dos conselhos
Dos mais velhos
Que devemos respeitar.

Se a ratinha
Pequenina
Fôsse sempre obediente,
Com sua mãe viveria
Muitos anos, certamente.

F I M



COLABORAÇÃO INFANTIL

A BONDADDE DE ROSALINA

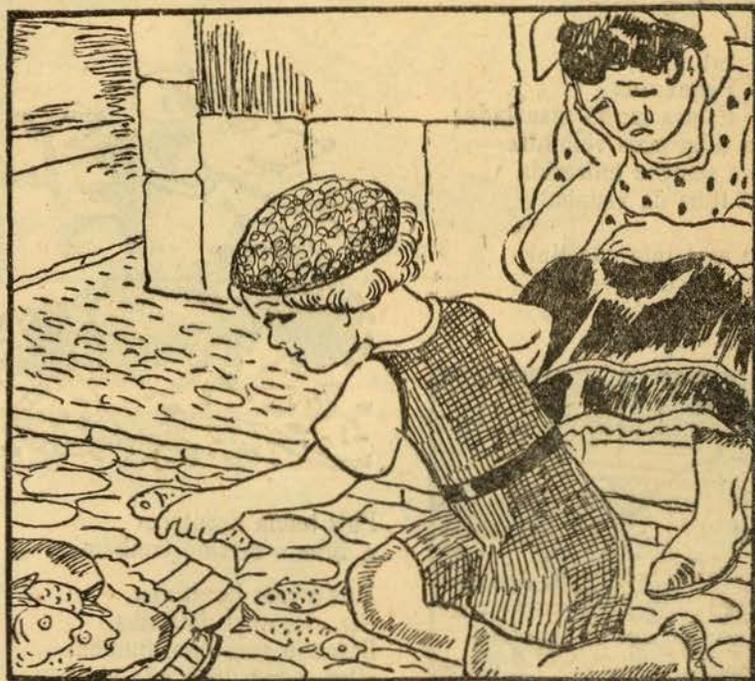
POR ANTONIA GUIMARÃES

ROSALINA era uma menina tão linda quanto boa.

Certa manhã, ao encaminhar-se para o colégio, deparou uma pobre peixeira que, tendo escorregado numa casca de banana, magoara um pé e espalhou o peixe todo pelo chão, motivo porque chorava aflitivamente.

Então, Rosalina dirigiu-se à pobre mulher e disse-lhe: — «Não chore que eu a ajudo a apanhar o seu peixinho».

Estava a menina neste piedoso trabalho quando, subitamente, apareceu a Senhora Professora que também se dirigia à Escola.



— «Que estás fazendo, Rosalina?» — inquiriu esta, ao mesmo tempo que a menina, supondo que a mestra lhe iria ralhar, se fez muito vermelha. Receosa, por se haver demorado tanto, Rosalina, pedindo-lhe perdão, contou-lhe o sucedido.

Beijando-a, enternecidamente, diz-lhe, então, a Senhora Professora:

— «Nada tenho a perdoar-te! E's boa. Procede sempre assim. Deus te dará, mais tarde, a recompensa».



O CONCURSO

COMO vários leitores se nos têm dirigido, perguntando o que é necessário fazer, a-fim-de participarem no nosso Concurso, mais uma vez publicamos as con-



dições, que consistem apenas no seguinte:

Recortar e colar, num caderno qualquer, as gravuras que temos publicado e continuaremos a inserir, escrevendo, por baixo de cada uma, o nome do animal que

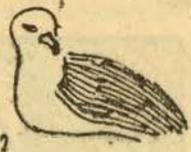
DOS BICHOS

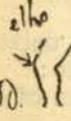
ela representa. Nada mais fácil, como vêem.

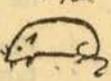
Os prémios serão constituídos por livros infantis, ilustrados a cores.

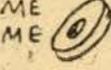


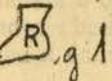
ANEDOTA HIEROGLIFICA

^{-vato m}
 A ^{mark}  g ^{am} ^{-te}  x ^{e+a}  m a ^{NT}  x ^{-m}  em

c ^{-elko}  a ^{-o}   d ^{-etu}  ^{-kato}  f ^{-do}  lgo ^{-do}  ^{emul} x d ^{elko}  ^{-c}  II.

A ^{-da}   c / ^{ve}   ^{pe} ^{-ot}  ^{ici} 1936 ^{-ra} ^{mui}  ^{-d} ^{acanh}  ^{-c+n} 

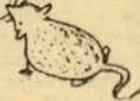
^{-a} ^{-d}  ^{-a}  ^U / ^{ve}  q q ^{lava} ^{ME}  ^{ME} ^{em} ^{fr}  ^d ^{do} ^{tr}

^{-ot} ^{ici} 1910 ^{-p}  g ^{-h}  ^{-h}:

^{-u} ^{sr.} E  ^{-ma}  d m ^{-e+} 10 ex q ^{di}  ^{r+t} ^{cia} ^{var} d A

^{-no +}     a ^{-o +}   ?

^{-o +} U ^{pe} ^{ici} 1498 e ^{-c+t}  ^{-te}  ^{RE} ^{RE} ^{RE} ^{deu}:

⁰¹³ ^{-n+t}  ^{cia} E ^{ex} ⁻ⁿ  ^{men} T a ^{-m+l}  ^{-To} ^{qu} 

10 ta 

M. Ferreira

VAIDADE SUPREMA

Por LAURA CHAVES

O senhor José da Horta, com loja de mercearias, tratou de fechar a porta depois das Avé-Marias e, farto de trabalhar, cansado, foi-se deitar.

Quando êle a loja deixou disse de lá o feijão:
— Meus amigos, eu cá estou, é hora da reunião. Podemos sair do saco, vamos, agora, ao cavaco,

Principiou o paleio entre tudo o que ali estava. A fava, a massa, o centeio, era ver quem mais falava. A manteiga, loira e gorda, parecia até ter corda!

O azeite, com deferência, de dentro da sua bilha, dava rodas de excelência à pequenina lentilha e o parvo do macarrão descompunha o pobre grão:

— Você não percebe, amigo, por ser tolo, ser vaidoso, que quando o guisam comigo fica muito mais gostoso? E o grão, ante a sarabanda, ficava de bico à banda.

Dum boião, a Dona Banha, deu de lá uma rizada, falava com a castanha, uma velhinha pilada, pois tanta história sabia essa velha reinadia!



Tentavam mudar de assunto as passas muito passadas, pois o gorducho presunto contava graças pesadas. Té a massa de tomate pôs-se inda mais escarlate.

Era grande a chinfrineira, tudo falava à porfia! Só o figo, em sua ceira, a êsse ninguém o ouvia! Lá estava todo encolhido... de pé ao lado, torcido.

Pimentinha e colorau também, em tom escarninho, troçavam do bacalhau por êle ser tão chatinho. Este, ante as chufas insanas, encolhia as barbatanas.

Em berros de meter medo, cheio de neurastenia, o vinagre, muito azêdo, atazanava a aletria que ficava compungida, inda mais magra e comprida.

Faziam grande banzé, numa polémica acesa, o chá e mais o café, contra o arroz de Veneza, dizendo o chim e o africano: — Fora! Abaixo o italiano! —

A sardinha e o atum, em barrica pouco limpa, exalavam tal fartum...

O CAMPÔNIO, O LOBO, O CORDEIRO E A COUVE

(Solução do problema anterior)

O nosso «herói lapuz» da semana passada, depois de várias tentativas baldadas, tanto matutou que conseguiu resolver o problema da seguinte maneira:

Pegou no cordeiro às costas e levou-o para a margem oposta.

Voltou e foi buscar a couve. Mas, para o cordeiro a não papar enquanto vinha buscar o lobo, trouxe-o consigo. Deixou êste novamente na margem de cá e levou o lobo em seguida. Voltou a buscar o cordeiro e, satisfeito, seguiu para casa.

Acertaram na resposta dada, os leitores: — Helder Gouveia Carvalho dos Santos e Alfredo Augusto Baptista.



mas levantavam a grimpa, numa enorme zaragata contra os seus irmãos de lata.

A reles vela de cebo que não era nada fina, berrava: — Eu cá não percebo como a anémica estearina, na moda agora caiu! e punha à banda o pavio.

Nisto, um rato apareceu e o barulho redobrou. Diziam: — Fora o judeu! O rato não se importou e foi, logo, ligeirinho, comer o belo toicinho.

Os géneros exaltados berraram: — Que desacatos! Nós devemos ser papados por homens e não por ratos! Os nossos restos mortais merecem mais, muito mais!

Ouvindo tais alaridos disse o rato: — Que chinfrim! Que lhes faz serem comidos pelos homens ou por mim? Tal toleima, na verdade, é o cúmulo da vaidade.

O homem, leitor amigo, usa de igual tolaria, prefere ir para jazigo a ir para a terra fria. Nele a vaidade é tão forte que vai para além da morte!

F I M